

Ivo das Chagas

# **EU SOU O CERRADO**



Ivo das Chagas

# **EU SOU O CERRADO**



Montes Claros  
2014

© - EDITORA UNIMONTES - 2014

Universidade Estadual de Montes Claros

**REITOR**

Professor João dos Reis Canela

**VICE-REITORA**

Professora Maria Ivete Soares de Almeida

**DIRETOR DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES**

Humberto Velloso Reis

**DIRETORA DA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA**

Eliane Ferreira da Silva

**DIRETOR DA EDITORA UNIMONTES**

Professor Antonio Alvimar Souza

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

Imprensa Universitária/Unimontes

**DIAGRAMAÇÃO**

Bernardino Mota

**EDITORA UNIMONTES**

**CONSELHO EDITORIAL**

Prof. Sílvio Guimarães – Medicina. Unimontes.  
Prof. Herculio Mertelli – Odontologia. Unimontes.  
Prof. Humberto Guido – Filosofia. UFU.  
Prof. Maria GERALDA Almeida. UFG  
Prof. Luis Jobim – UERJ.  
Prof. Manuel Sarmento – Minho – Portugal.  
Prof. Fernando Verdú Pascoal. Valencia – Espanha.  
Prof. Antônio Alvimar Souza - Unimontes  
Prof. Fernando Lolas Stepke. – Univ. Chile.  
Prof. José Geraldo de Freitas Drumond – Unimontes.  
Prof.ª Rita de Cássia Silva Dionísio. Letras – Unimontes.  
Prof.ª Maisa Tavares de Souza Leite. Enfermagem – Unimontes.  
Prof.ª Siomara A. Silva – Educação Física. UFOP.

**REVISÃO LINGUÍSTICA:**

Benedito Said

CATALOGADO PELA DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (DDI)

C433e Chagas, Ivo das.  
Eu sou o cerrado / Ivo das Chagas. – Montes  
Claros : Unimontes, 2014.  
62 p. : il. ; 14 x 21 cm.

Bibliografia: p. 61-62.  
ISBN 978-85-7739-507-1

1. Cerrados - Brasil. I. Título.

CDD 910

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

EDITORA UNIMONTES  
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro  
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil  
CEP: 39.401-089 - CAIXA POSTAL: 126  
www.unimontes.br  
editora@unimontes.br  
Filiada à



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS**

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	7
PREFÁCIO.....	11
APRESENTAÇÃO.....	19
EU SOU O CERRADO.....	27
I. MINHAS CARACTERÍSTICAS E DISTRIBUIÇÃO.....	27
I.I. O CERRADÃO.....	38
I.II. MEUS BELÍSSIMOS CAMINHOS DE ÁGUA...	41
II. FORMAÇÕES VEGETAIS DIFERENCIADAS.....	43
III. FLORESTAS HOMOGÊNEAS.....	53
IV. RELAÇÕES DOS HOMENS COMIGO.....	56
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXO.....	61



## AGRADECIMENTOS

Raymond Pébayle, um dos mais destacados geógrafos franceses do século XX e sem dúvida o maior brasilianista de seu tempo, ao agradecer aos que colaboraram com a sua tese de doutorado de estado, que teve como tema o meio rural do Rio Grande do Sul, disse uma grande verdade: “No Brasil nada se faz sem amigos”. E não se faz mesmo. Assim, quero aqui agradecer a todas as pessoas que, no passado e no presente, de uma forma ou de outra, influenciaram na feitura deste trabalho. É claro que por uma questão de memória e de espaço não posso a todos nominar. Começo por um espanhol, Clarencio Abad, que conservou a quentura do sangue ibérico, mas que se tornou um autêntico brasileiro, mais patriota do que muitos donos do poder nacional. A ele devo minha iniciação aos segredos da História e da Geografia, conhecimentos que me

possibilitaram o ingresso à Universidade. A Raymond Pébayle, que durante suas pesquisas acadêmicas, quando professor da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, me encaminhou nas pesquisas de campo. A partir daí tivemos quarenta anos de parceria, oportunidade em que publicamos vários trabalhos, notadamente na França pelo (CNRS), Centre National de Recherche Scientifique de France. Getúlio Vargas Barbosa, um dos maiores geomorfólogos do Brasil, me elucidou e me fez entender a evolução e o modelado do chão no qual pisava. David Márcio Santos Rodrigues, o geógrafo que, depois do reinado de Aroldo de Azevedo, fez retornar aos brasileiros o gosto pela Geografia. Tive a satisfação de com ele percorrer os quatro continentes e conhecer *in loco* muita coisa que aprendi em teoria. À Maria Lúcia Rodrigues Viana, com quem iniciei a redação de livros para a publicação e com a qual muito aprendi. Agradeço também ao grande intelectual norte - mineiro, Petrônio Braz, jurista, jornalista, historiador, poeta, romancista e barranqueiro, que muito contribuiu com suas informações vivenciadas no lirismo do grande rio. A Domingos Diniz que leu esta obra e a atualizou de acordo com a nova reforma ortográfica. Ao Professor Doutor Hernando Baggio, que introduziu a nomenclatura científica da fauna brasileira constante nos trabalhos, bem como suas valiosas observações nos aspectos geológicos e geomorfológicos neles explícitos. À Daniella Mendonça, que muito me ajudou na elaboração deste trabalho, especialmente com sua proficiência, nesta



arte que para mim inatingível, que é a informática. O mesmo agradecimento devo à Raíssa Oliveira Nunes, que também com esta mesma arte me ajudou no fechamento desta obra. A Wallace Magalhães Trindade pela elaboração de mapas essenciais à compreensão de alguns aspectos deste trabalho. À Ângela Fagna Gomes de Souza, que gentilmente se ofereceu para pré-diagramação e formatação das indicações bibliográficas de acordo com as normas sempre móveis da ABNT. A Dêniston Diamantino, um dos maiores cineastas e documentaristas brasileiros pelas preciosas informações e fotografias que me forneceu sobre o rio que ele tanto conhece. À Luciene Rodrigues, que tomou a iniciativa de publicar o meu primeiro trabalho sobre o cerrado. Ao Doutor Vicente Rezende, engenheiro de minas, empresário, ambientalista e atual prefeito de Três Marias, que mandou editar e distribuir milhares de exemplares da segunda versão do trabalho sobre o cerrado, hoje modificada e ampliada. Ao Doutor Ivan Passos Bandeira da Mota, amigo de muitos anos que, com sua participação no *Livro Vapores e Vapozeiros*, muito me influenciou na elaboração e na apresentação deste trabalho. Agradeço também a Pedro Fonseca, publicitário, jornalista e autor do magistral trabalho *O Xale de Rosa* que, com sua maestria, se dispôs a organizar e a preparar a impressão desta obra. Não posso encerrar esses agradecimentos sem lembrar de meus familiares mais próximos, especialmente, à Gilmaria David Alves das Chagas, minha esposa, que sempre me apoiou e me auxiliou em todos os meus empreen-

dimentos, tendo este trabalho colaborado com o famoso toque feminino, amenizando muitas vezes a rudeza de minhas palavras. Ao Ivo, meu filho, à minha filha Ivana e aos meus netos Victor, Guilherme e à minha neta Carolina, razões maiores de minha luta em favor de um ambiente sadio, que lhes assegure, e a todos os que virão, uma vida saudável em harmonia com seus universos naturais e sociais.

A todos e aos que não foram lembrados, meu muito obrigado.

## PREFÁCIO

Um convite e uma responsabilidade.

Recebi a incumbência de apresentar aos futuros leitores os livros *Eu sou o Cerrado* e *Eu sou o Rio São Francisco*, unificados em um só volume, de autoria do professor emérito Ivo das Chagas.

O convite para expor as minhas impressões sobre as duas obras, foi uma honra principalmente por ter nascido nas barrancas do Velho Chico, o rio das águas morenas e uma responsabilidade advinda do valioso conteúdo das duas obras. Trata-se de um livro escrito por uma pessoa a quem admiro como “*homem humano*”, na dimensão referida por Riobaldo, no romance *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa.

Ivo das Chagas, Mestre em Geografia pela Universidade de Bordeaux (França), bacharel e licenciado

em Geografia pela UFMG (Belo Horizonte), foi Secretário-Adjunto em Ecossistemas da SEMA (Secretaria Especial do Meio Ambiente) do Ministério do Interior (Brasília/DF) e professor de várias Universidades, principalmente da Unimontes (Montes Claros/MG), onde lecionou Geografia.

Ele foi agraciado pelo Governo do Estado de Minas Gerais com a Medalha da Inconfidência e pela Assembleia Legislativa do mesmo Estado com a Medalha do Mérito Legislativo pelos 500 anos do rio São Francisco. Recebeu, por justo merecimento, o “Prêmio Josué de Castro”, deferido pelo Departamento de Geografia da UFU (Universidade Federal de Uberlândia), e o Prêmio Urbes, pela Prefeitura Municipal de Montes Claros. Ivo das Chagas é Patrono da Medalha de Honra ao Mérito da Secretaria de Meio Ambiente de Montes Claros, oferecida anualmente às pessoas que se destacam na área de meio ambiente no município.

Homem do rio, Ivo das Chagas foi barqueiro, canoieiro, pescador, vapozeiro e plantador de vazante em suas barrancas. Conheceu as benéficas inundações do São Francisco que, como as do Nilo, fertilizavam as terras marginais do grande rio e alimentavam as lagoas de suas margens e berçários de peixes.

São duas obras literárias e técnicas, escritas com amor, com hábil utilização da prosopopeia, personalizando o cerrado e o rio, para serem lidos e vistos. Lidos pelo conteúdo e vistos pelas magníficas fotografias que os ilustram. Ivo das Chagas personaliza o

cerrado e o rio, dando-lhes vida e permitindo que eles falem de si mesmos.

Em *Eu sou o Rio São Francisco*, o rio se autodeclara ser *de todos os brasís com nome de santo e de mar, porque santo e mar também sou, semeando milagres nos meus quase três mil quilômetros de anejos por meu País, singrando todos os grandes sertões brasileiros.*

Em presença da degradação e do real abandono do grande Rio, que já foi da Unidade Nacional, decantado por poetas, nada mais justo do que dar ao próprio Rio o direito de se manifestar sobre si mesmo, pois somente ele conhece a sua realidade passada e presente.

O São Francisco, pela estupidez da ação humana, entre as quais se destaca o recente projeto da faraônica transposição de suas águas, sofreu e está sofrendo intervenções negativas em sua hidráulica e em sua vida aquática, afetando também o ribeirão em vários estados, especialmente em Minas Gerais, onde tem a sua nascente.

Com conhecimento técnico e objetivo, Ivo das Chagas deixa que o São Francisco se identifique, desde as suas origens até a sua foz no Atlântico,

Entre o Rio e o Homem sempre existiu uma interação de altos e baixos, que tem origem pré-histórica, reclamada pelo próprio Rio:

Segundo consta a história dos ho-

mens, o primeiro contato que os chamados civilizados tiveram comigo, se deu em quatro de outubro do ano de 1501, por via de uma nau que tinha como comandante André Gonçalves e Américo Vespúcio, como navegador. O primeiro da Lusitânia e o segundo das bandas da bela Toscana, ou mais precisamente, da magistral obra de arte chamada Florença. [...] É claro que o meu convívio com os homens começou muito antes, há alguns milhares de anos desde a pré-história. Quando o homem branco aqui chegou, indígenas de tribos variadas, também vindos de outros mundos, já ocupavam o meu vale.

O Autor rememora os áureos tempos da navegação fluvial, dos vapores e dos vapozeiros, que durante mais de um século deram vida às cidades ribeirinhas.

Euclides da Cunha em *Os Sertões*, um clássico da língua portuguesa no Brasil, relembra que o rio São Francisco, *o grande caminho da civilização brasileira, na sua dilatada bacia colhe na rede de numerosos afluentes a metade de Minas.*

O São Francisco foi e, de certa forma ainda é, navegável em 1.370 km, distância que separa as cidades de Pirapora em Minas Gerais e Juazeiro na Bahia. Foi traço de união entre o Norte e o Sul do País e pode voltar a ser um elo integrando ao sistema rodo-ferroviário do País.

O livro é um brado do São Francisco em defesa de si mesmo, mas é o próprio Rio que declara:

Espero que este brado seja ouvido pelos homens, de forma a se sensibilizarem, me oferecendo um pouco de seu amor. Conheçam-me mais. Reabilitem aquilo que pode ser reabilitado. Gerenciem minhas águas com mais responsabilidade e equidade, valorizando-as pelo multiuso. Assegurem educação básica e técnica de boa qualidade às gentes de minha bacia, recuperando-lhes a dignidade, única forma de tirá-las do esquecimento e da pobreza. Não deixem morrer minhas tradições, minha história e minha cultura. Não me envolvam em políticas subalternas. Pensem nos benefícios que lhes posso oferecer agora e às gerações vindouras. Conscientizem-se de que eu e meus tributários somos as águas dos grandes sertões brasileiros, a solução de muitos problemas nacionais. Enfim, respeitem-me e protejam-me, isto para o bem de todos vocês e os demais seres vivos presentes e futuros.

× × ×

Em *Eu sou o Cerrado* Ivo das Chagas, entre tantas outras intertextualidades, citando Guimarães Rosa, nos faz lembrar que “o sertão é do tamanho do mun-

do”. O sertão é o cerrado, ou melhor dizendo, como quer Ivo das Chagas, o *cerrado é filho do sertão*.

Observa o Autor que *no caso específico dos cerrados, não conheço nenhum exemplo no Brasil e no mundo de uma destruição tão rápida e tão radical como ocorreu e vem ocorrendo com este bioma*.

Localizado na região do Brasil central, o cerrado, o berço das águas, é um tipo de savana que cobre 25% do País. As cabeceiras de alguns dos maiores rios, como o São Francisco, o Tocantins e outros, estão localizadas sobre o topo de planaltos, cobertos de cerrado. O cerrado, irrigado de veredas, de horizontes largos e repleto de árvores frutíferas, como um vastíssimo pomar, mais que a mata, pela sua diversidade biológica, é propício à vida animal pela fartura de frutos que produz e pelas pastagens de gramíneas que, como verde pelúcia, atapetam o solo, revigoradas pela luz do sol que penetra fácil por entre a esparsa vegetação arbórea.

Ivo das Chagas é um apaixonado pelo cerrado, um bioma exuberante e de flora e fauna ricas e variadas, onde vegeta o pequiheiro de fruto oleoso e aromático do qual o sertanejo extrai succulento óleo ou fabrica saboroso licor, além de se alimentar de sua polpa macia e avermelhada. É um pomar vastíssimo. Nas veredas preguiçosas de margens abeberadas em águas límpidas, os oásis do sertão, medram altaneiros os buritizeiros, a palmeira-do-brejo. De seus frutos o sertanejo fabrica delicioso doce.



A vereda, inserida no domínio do cerrado, além de sua beleza paisagística, é um manancial que cria e mantém várias espécies de seres da fauna e da flora regionais. Como berço das fontes hídricas, ela é a mãe das águas do cerrado. *O cerrado é um paraíso.*

Nada foi mais ofensivo e deprimente em relação ao São Francisco do que a extração da vegetação nativa dos cerrados para carvoejamento e sua substituição pelo exógeno eucalipto, árvore que promoveu em muitos lugares, o rebaixamento do aquífero, degradando as veredas que alimentavam parte importante da rede hídrica do cerrado.

O livro que acabo de ler e analisar é um precioso resgate da dolorosa realidade geográfica de uma região, que foi privilegiada pela Natureza e deteriorada pelo Homem

*Petrônio Braz*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Advogado, jornalista, professor. Membro do Conselho Municipal de Cultural de Montes Claros/MG, membro da Academia Montesclarensense de Letras, da Academia de Letras, Ciências e Artes do São Francisco, ex-membro do Conselho Diretor da Federação das Academias de Letras e Cultura de Minas Gerais (Belo Horizonte). Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros.



## APRESENTAÇÃO

Sou filho dos vários sertões brasileiros. Concebido nos escaldantes aplainados do semiárido piauiense e nascido nas barrancas do rio São Francisco, onde os cerrados mineiros se encontram com o grande rio, não há assim como negar minha gênese e alma sertaneja.

Não sou apenas filho desses sertões. Eu os vivenciei durante toda a minha vida. Tive com eles as alegrias que um humano pode ter e com eles sofri as angústias, carências e aflições que envolvem os que neles vivem ou sobrevivem.

Foram esses sentimentos e adventos que lançaram as raízes do meu amor por esses continentes e seus conteúdos, mas também de minha indignação pelo descaso e agressões que a ganância dos homens lhes perpetrrou.

Estes dois trabalhos que os intitulei de “Eu sou o Cerrado” e “Eu sou o Rio São Francisco” são, em certa medida, uma resposta àqueles que lhes conduziram à degradação e aos descaminhos, mas também aos que gostariam de conhecer esses mundos plenos de magias, encantamentos, belezas e serventias.

Com esta finalidade, resolvi apelar para os recursos da prosopopeia, dando a palavra para eles próprios mostrarem suas maravilhas, mas também se defendem e apontarem os que lhes fizeram tanto mal.

No caso específico dos cerrados, não conheço nenhum exemplo no Brasil e no mundo de uma destruição tão rápida e tão radical como ocorreu e vem ocorrendo com este bioma.

Efetivamente, foram necessários quase quinhentos anos para a eliminação de quase totalidade da Mata Atlântica, o mesmo tanto para a Floresta de Araucária e apenas cinquenta anos para o arrasamento da maior parte dos cerrados, tendo ocorrido em proporção ainda mais radical no Estado de Minas Gerais.

Muitos, com sua cegueira estética, os entendem como formadores de paisagens feias e monótonas, cuja única função consistia em transformar sua cobertura arbórea em carvão para aquecer os fornos das grandes siderurgias nacionais, ou então erradicar todos os seus viventes para a implantação de florestas homogêneas. Mais tarde, em razão da boa estrutura de seus solos, da tabularidade do relevo e do avanço da tecnologia agrícola, os grandes capitais descobriram nesses espa-

ços a galinha dos ovos de ouro da grande agroindústria comercial monocultora, e os cerrados se transformaram na nova fronteira agrícola do país. Repetiu-se assim a mesma prática desbravadora do português colonizador, com mais uma inclusão, a pecuária intensiva não estabulada, visando à mesma finalidade - a exportação da produção, hoje até com o nome estrangeiro – *commodities*.

O pior é que a caminhada devastadora continua, já batendo nos portões dos cerradões da Pré-Amazônia e nos batentes das matas de transição para a *hiloeca*, sem qualquer planejamento ambiental, ao sabor de quem mais pode, desestabilizando os alicerces que dão sustentação aos demais biomas amazônicos que se situam ao norte e a oeste.

O mais surpreendente de tudo é que, no momento em que o mundo todo se preocupa com a escassez de água, uma das maiores reservas, e centro de dispersão desse líquido indispensável à vida, esteja sendo sistematicamente destruído. Quem abrir um mapa físico do Brasil, com a demarcação da área dos cerrados, verá que a maioria dos grandes rios nascidos no Brasil têm sua origem exatamente no domínio deste bioma, incluindo muitos afluentes da margem direita do Amazonas.

Acreditamos que somente este fato seria suficiente para se ter mais responsabilidade e respeito por este mundo que cobre cerca de dois milhões de quilômetros quadrados de nosso território.

Este trabalho resulta, sobretudo, da íntima relação que sempre tive com esta gigantesca paisagem que mereceu de Guimarães Rosa esta justíssima consideração: “O sertão é do tamanho do mundo”. Muitos hão de estranhar a pobreza bibliográfica deste trabalho, mas é importante dizer que nele prevaleceram minha vivência, minhas observações de campo, muitas pesquisas, algumas publicadas, outras não, mas também a memória de inúmeras leituras cuja origem foi apagada pelo tempo. Vale reforçar que ele é o meu território, pai e mantenedor de meu rio, o São Francisco, universos que aprendi a amar desde a infância. À defesa deles dediquei grande parte de minha vida, infelizmente quase sempre vencido pelo mais poderoso argumento de todos os tempos – sua majestade, o dinheiro.

De toda esta luta, que devo continuar até o fim de meus dias, resta-me o consolo de ter despertado a consciência de muitos, especialmente de meus alunos e a certeza de que nesta vereda não sou hoje uma ilha.

Neste rápido relato sobre os cerrados procuro identificar seus vários aspectos vegetacionais e respectivas caracterizações, sua distribuição geográfica, suas belezas e potencialidades, mas também os desvarios que se lhes impuseram nestes últimos cinquenta anos.

Diante de trabalhos muito mais extensos e melhor elaborados já publicados sobre este tema, a única es-

perança que guardo é a de que os eventuais leitores deste ligeiro escrito se deixem inflamar pelas chamas do entusiasmo na defesa da segunda maior expressão vegetal da América do Sul e se contaminar pelo amor que sempre lhe dediquei e que tentei aqui expressar.

**O autor.**